

PARANHOS de Siqueira: o escritor humano.
Campinas, 21 mar. 1971.

Diário do Povo,

Paranhos de Siqueira: o escritor humano

Diário do Povo

21.3.71

Paranhos de Siqueira acaba de publicar um livro onde conta a sua própria história, fadado a galgar postos altos na literatura do Estado de São Paulo e Minas: «Se Não Me Falha a Memória».

Nada mais difícil que fazer autobiografia. É um gênero de literatura pelo qual pouca gente se interessa, uma vez que focaliza sempre a pessoa biografada. Pois, ainda assim, Paranhos de Siqueira conseguiu fazer com que todo mundo se interessasse pela história de sua vida, que vem contada nesse livro. Todos quantos leram essa obra acharam-na revestida de um sentido humanístico realmente tocante. E são, todos, unânimes em gabar-lhe a linha vertical de estilo, da graça de expressão, da delicadeza dos conceitos. Por isso, resolvemos ouvir o autor em relação a seus trabalhos.

— Desde quando o senhor escreve?

— Versos michorucos, desde os doze anos de idade. E prosa insulsa, desde os quinze.

— Que curso o senhor fez para escrever como escreve?

— Nenhum. Nem mesmo diploma do curso primário possuo. Fui reprovado no único exame que prestei em 1919, em Tapiratiba. Assinei a minha provinha de português com o nome de José Paraos ao invés de José Paranhos. Aliás, eu ronto o fato direitinho no meu livro de memórias.

— E como chegou, sem escola, sem nada, ao ponto de destaque nas letras?

— Sem escola, sim. Sem nada, não. Porque eu li a vida inteira. Li e observei. Aprendi sozinho lendo os mestres da língua, os artífices do pensamento, o que muita gente não aprendeu nos bancos de uma Universidade. Era a vontade mental de entender o que eu lia. Era o desejo de entrar, através da leitura, ao mundo interior dos autores com os quais convivi espiritualmente. Não tive escolas. Mas tive mestres que me ensinaram uma porção de coisas pela linguagem eloquente do silêncio.

RAZÕES DO SEU LIVRO DE MEMÓRIAS

— Por que o senhor escreveu suas memórias?

— Exatamente por isso: porque sou autodidata. E, nessas condições, minhas memórias poderiam servir de incentivo à mocidade, hodierna que está a procura de si mesma. Os moços de hoje, com as exceções que se conhece, não trabalham para estudar. Ao contrário, estudam com o talão de cheques no bolso, com o carro na porta e com o apoio, raramente moral, mas econômico dos pais. E ainda assim, chegam à Faculdade. Então, olhando para a minha vida penosa e difícil, sem a escola que não tive, sem o dinheiro que sempre me faltou, os rapazes de hoje, que têm tudo e não precisam de nada, podem, em condições infinitamente melhores seguir o exemplo do meu esforço no caminho de seus estudos. Não lhes custaria nada dar a seus pais, tão absorvidos hoje pelos deveres da vida moderna, a alegria de um aproveitamento total da sua existência estudantil. Foi com esse objetivo que escrevi e publiquei, há pouco, minhas memórias.

E continua:

— Gostaria que esses moços me lessem. Que pudessem em confronto as oportunidades dele com as minhas. E chegassem mentalmente, de avião, que é o veículo de sua época, ao ponto que eu cheguei, em carro-de-bois, que era o veículo de meu tempo.

OUTRAS OBRAS

Além de «Se Não Me Falha a Memória», o mais recente, Paranhos de Siqueira tem publicados mais três livros: «Osculário», que são versos líricos; «Rosário de Lágrimas» e «Horas Mortas», crônicas literárias. Para publicar, já entregue às oficinas, e que deverá sair em abril próximo, «A Bahia que eu vi»; e mais, «Escrava do Vício» um romance realista; «O que o tempo não levou», crônicas; «Miçangas», versos, que virão logo depois de «A Bahia que eu vi»; e «Peço a Palavra», que são conferências literárias.

Depois de enumeradas as suas obras, o autor junta:

— Como se vê, não tenho estado de todo à toa, apesar de, com o emprego público que tenho, não precisar, como diria o meu querido Humberto Campos «vender miolo da cabeça para comprar miolo de pão».

— A que horas o senhor escreve?

— Quase sempre à noite. Entro, ordinariamente, escrevendo pela madrugada a dentro. Não por excesso de idéias. Mas por falta de sono. Acho até que, se não fôsse intelectual, seria guarda noturno. Parece-me um verdadeiro pecado dormir, aqui em baixo, com tantas estrelas brilhando, lá em cima...

Coisa de poeta — de poeta e louco, que todo mundo tem um pouco.

— O senhor é paulista ou mineiro?

— Paulista da divisa. Nasci em Tapiratiba, ali nos quintais de Caconde. Não é uma grande cidade, cheia de vida. Mas é um pequeno oásis, cheio de graça. Tenho lá o umbigo. E tenho aqui, em Campinas, o coração. A alma já não tenho mais: deixei-a por lá, aqui e acolá. Fiz mal. Fiz bem? Sei lá... Se mela, posso ficar tranquilo, como Erasmo Carlos, «sentado à beira do caminho» e, como Chico Buarque «vendo a banda passar».

— A edição de «Se não me falha a memória» já esgotou?

— Ainda não. Há ainda, um pouco aí pelas livrarias da cidade. Muita gente pensa que este livro é o mesmo que publiquei, em forma de crônicas, no Diário do Povo, com o título de «Memórias da Bahia». Se você me permite, aproveito o ensejo para esclarecer que «Se não me falha a memória» nada tem a ver com «Memórias da Bahia», que o Diário publicou. É um livro completamente diferente.